

O princípio de relevância e a tradução de contextos artificiais: aspectos intuitivos, analíticos e reflexivos no desempenho de tradutores novatos e experientes

Fabio Alves
PosLin/UFMG

Geraldo Carvalho Neto
PosLin/UFMG

■ Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir a questão da tradução em contextos artificiais (GUTT, 2000a), quais sejam, contextos que, por razões históricas, geográficas, culturais, temporais etc., estejam distanciados do tradutor. Com base nas reflexões de Gutt, o artigo propõe um arcabouço teórico e uma metodologia para investigar o processo de tradutores novatos e experientes lidando com esse tipo de contexto e verificar a maneira como traduzem. Apesar de seu caráter preliminar, a análise dos dados revela diferenças entre o desempenho de tradutores novatos e experientes, indicando que tradutores experientes tendem a trabalhar de forma mais analítica e reflexiva.

Palavras-chave: Contextos artificiais. Teoria da relevância. Semelhança interpretativa. Esforço cognitivo. Efeito contextual.

■ Abstract

This paper aims at discussing the issue of translation in artificial contexts (GUTT, 2000a), i.e., contexts which, for historical, geographical, cultural, temporal or other reasons, are far removed from the translator. Building on

Gutt's reflections on the matter, the article proposes a theoretical framework and a methodology to investigate the translation process of novice and expert translators when they have to deal with this type of context and to verify how they do it. Although tentative in nature, the data analysis reveals differences between the performance of novice and expert translators, showing that the latter tend to work more analytically and reflectively.

Key-words: Artificial contexts. Relevance theory. Interpretive resemblance. Cognitive effort. Contextual effect.

■ Introdução

Os estudos da tradução têm uma longa tradição que enfoca, de forma abrangente, as implicações exercidas pelas informações contextuais na prática do ato tradutório (cf., entre outros, NIDA, 1975; NEWMARK, 1988; HOUSE, 1981). Contexto, a partir de uma perspectiva pragmático-funcionalista, pode ser entendido como o somatório de informações de natureza enciclopédica, isto é, informações abrangendo os mais variados domínios do conhecimento humano, que, juntas, configuram os traços socioculturais de uma determinada

situação de comunicação de partida, na qual se encontram inseridas língua e cultura de partida (cf., entre outros, REISS & VERMEER, 1984; NORD, 1988). Tomado como ponto de entrada nessa determinada situação de comunicação de partida, o contexto, dentro de uma perspectiva pragmático-funcionalista, funciona como elemento determinante para a produção de uma tradução em uma outra situação de chegada. Definido dessa maneira, o contexto tem um caráter enciclopédico que, quando não é de domínio do tradutor, gera problemas de adequação na tarefa de tradução.

Argumentando que a atribuição desse caráter enciclopédico à noção de contexto não explica satisfatoriamente as questões de processamento inferencial relacionadas às situações de comunicação em geral, Sperber & Wilson (1986, 1995) propõem, dentro do arcabouço teórico da Teoria da Relevância, uma definição de contexto como uma instância mental, definida por meio do conceito que denominam ambiente cognitivo, isto é, o conjunto de informações disponíveis e potencialmente disponíveis a um determinado indivíduo no âmbito de uma dada situação de comunicação. Para Sperber & Wilson, o contexto emerge a partir das informações conscientes de um indivíduo, mas pode ser enriquecido por informações das quais esse mesmo indivíduo venha a se conscientizar. Essa visão mental de contexto implica mudanças significativas para o estudo dos processos inferenciais humanos e, de forma correlata, para o estudo de processos de solução de problemas e tomada de decisão em contextos de tradução (ALVES, 2001b).

Nesse sentido, Gutt (2000a, 2000b), a partir do referencial teórico da Teoria da Relevância de Sperber & Wilson (daqui em diante, TR), propõe uma mudança paradigmática para os Estudos da Tradução por meio do que denomina CORT [*Competence Oriented Research of Translation*] - pesquisas em tradução orientadas pela competência. Para Gutt, o objetivo de pesquisas em tradução orientadas pela competência (CORT):

é compreender e explicar as faculdades mentais que capacitam os seres humanos a traduzir no sentido de expressar em uma língua o que já foi expressado em outra. A idéia é que, uma vez que estas faculdades sejam compreendidas, será possível compreender não apenas a relação entre insumo e produto, mas também, e talvez ainda mais importante, os efeitos comunicativos que eles exercem sobre o público receptor. Afinal, a

raison d'être de toda tradução parece ser a de *comunicar*.¹ (GUTT, 2000b, p. 206, itálicos como no original.)

Atrelada à proposta de pesquisas em tradução orientadas pela competência (CORT) e à noção mental de contexto, uma questão crucial a ser discutida diz respeito ao que acontece, em termos de competência e processamento textual, quando o tradutor tem de lidar com uma situação de comunicação de partida que lhe seja estranha, distanciada temporal, histórica, geográfica e culturalmente da situação de comunicação em que se encontra inserido. De uma perspectiva cognitiva, Gutt denomina esse tipo de situação “contexto artificial”, ou seja, um tipo de situação de comunicação na qual o tradutor não dispõe, em seu ambiente cognitivo, de informações conscientes ou potencialmente conscientes sobre o texto a ser traduzido.

À luz dessas observações, este artigo propõe-se a analisar os chamados contextos artificiais e a influência que exercem no tradutor em seu comportamento inferencial. Para tanto, será tomado como ponto de partida o trabalho de Alves & Gonçalves (2003), que trata dessa questão estudando o comportamento processual de tradutores novatos e, de forma complementar, serão abordados alguns aspectos do produto da tradução de um tradutor experiente analisados por Carvalho Neto (2004). O presente trabalho se propõe a introduzir uma discussão inédita em língua portuguesa a respeito dos contextos artificiais em tradução. Nossa proposta no escopo deste artigo é apontar um problema, caracterizá-lo e propor um trabalho mais abrangente e de cunho processual ainda a ser desenvolvido na tese de doutorado de Carvalho Neto, atualmente em curso. Dessa forma, o artigo apresenta à comunidade científica a formulação de um problema e uma proposta teórica e metodológica para analisá-lo.

Em linhas gerais, procuramos tecer reflexões acerca de um fenômeno específico em tradução, tomando como ponto de partida dois trabalhos já realizados independentemente um do outro. Sem pretendermos ser conclusivos, ao contrapormos um e outro trabalho, buscamos obter mais subsídios para avançar na reflexão e aprofundar a pesquisa. O objetivo principal do artigo é, então, refletir sobre como tradutores novatos e experientes lidam com a questão de contextos artificiais em tradução e discutir, com base no arcabouço

teórico da TR, uma metodologia de trabalho para esse tipo de problema de tradução.

■ Quadro teórico

Quando surgiu, em 1986, a TR se propunha a rediscutir, no âmbito da Pragmática, questões de natureza cognitiva relacionadas ao processamento inferencial de enunciados. Insatisfeitos com as abordagens anteriores envolvendo o processo comunicativo, Sperber & Wilson (1986, 1995) argumentavam que a comunicação não se realiza somente codificando-se e decodificando-se mensagens, tampouco usando-se a via inferencial griceana, qual seja, implicaturas conversacionais geradas pela cooperação mútua entre emissores e receptores. Os autores propunham, portanto, um amálgama entre o clássico modelo de código de Shannon & Weaver (1949) e o modelo inferencial de Grice (1975). A TR entende que a informação é codificada tanto conceitual quanto procedimentalmente e que, assim, se constitui o conteúdo explícito da informação, a explicatura. Já a informação veiculada implicitamente, isto é, a implicatura, só poderia ser recuperada inferencialmente e a partir da informação veiculada pelo código lingüístico.

Em 1991, Ernst-August Gutt, um importante teórico e prático da tradução na área de textos bíblicos, consultor na Etiópia junto ao Summer Institute of Linguistics (SIL), aplica pela primeira vez a TR aos Estudos da Tradução. Em sua tese de doutorado, defendida sob a supervisão de Deirdre Wilson, Gutt introduz o conceito de semelhança interpretativa nos Estudos da Tradução.

Segundo o princípio da Relevância, a comunicação humana pode se dar por meio de dois tipos de uso lingüístico: o uso descritivo e o uso interpretativo. Para Sperber & Wilson (1995, p. 228-229), qualquer representação que contenha uma forma proposicional pode ser usada para representar um desses dois tipos de uso lingüístico. Uma representação pode ser considerada como uso descritivo, ao representar um estado de coisas em que sua forma proposicional é uma verdade em relação a esse estado de coisas, ou seja, se configura uma relação entre uma representação mental ou um conjunto de representações mentais e relações materiais. Por outro lado, uma representação pode ser considerada como uso interpretativo em virtude de sua semelhança com outra representação mental, isto é, decorre das relações entre duas representações mentais,

quais sejam, relações que compartilhem propriedades lógicas. Diferenciando entre dois tipos básicos de tradução, a tradução direta e a tradução indireta, Gutt postula que o uso interpretativo, na forma de uma tradução direta,² gera formas proposicionais distintas que compartilham propriedades lógicas entre si. Temos aqui a base do conceito de semelhança interpretativa, “que pode ser definido como sendo o resultado do efeito contextual resultante das interfaces entre duas formas proposicionais que compartilhem algumas propriedades” (ALVES, 2001b, p. 90). Nesse sentido, Gutt afirma que:

Uma propriedade essencial das formas proposicionais é que elas têm propriedades lógicas: em virtude dessas propriedades lógicas, podem se contradizer, implicar-se mutuamente ou estabelecer outras relações lógicas entre si. Uma vez que todas as formas proposicionais têm propriedades lógicas, duas formas proposicionais podem ter algumas propriedades lógicas em comum. Conseqüentemente, podemos dizer que as representações mentais cujas formas proposicionais compartilhem algumas propriedades lógicas *assemelham-se* em virtude dessas propriedades lógicas compartilhadas por elas. Esta semelhança entre formas proposicionais é chamada de *semelhança interpretativa*.³ (GUTT, 2000b, p. 36-37, itálicos como no original.)

Após o processamento lexical, sintático e semântico de um enunciado, este passa a configurar uma representação mental. A TR chama esse tipo de representação mental de forma proposicional. No nível pragmático, a forma proposicional corresponde à explicatura, ou seja, é equivalente ao componente lingüisticamente explícito de um enunciado. Por outro lado, as implicaturas de um enunciado correspondem às suposições derivadas da interação entre a forma proposicional daquele enunciado, ou seja, de sua explicatura, com o conjunto de suposições disponíveis nos ambientes cognitivos dos interlocutores, vindo a configurar o que a TR classifica de contexto inferencial. Cabe ressaltar que as inter-relações estabelecidas entre explicaturas e implicaturas são extremamente importantes na proposta feita por Gutt. Levando-se em consideração que uma tradução tem de ser expressa necessariamente por meio de enunciados que veiculem no texto de chegada tanto as explicaturas quanto as implicaturas presentes no texto de partida, Gutt afirma que:

Considerando-se ainda que o principal objetivo

dos enunciados é veicular um conjunto de suposições que o comunicador pretende veicular, parece razoável definir semelhança interpretativa entre enunciados em termos das suposições compartilhadas pelas interpretações pretendidas por esses enunciados. Uma vez que o conjunto de suposições que um enunciado pretende veicular consiste de explicaturas e/ou implicaturas, podemos dizer que dois enunciados, ou ainda mais generalizadamente, dois estímulos ostensivos, assemelham-se interpretativamente na extensão das explicaturas e/ou implicaturas que compartilham.⁴ (GUTT, 2000b, p. 46)

Por estímulo ostensivo, pode-se entender qualquer estímulo, não necessariamente um enunciado (um gesto, por exemplo), em que o falante deseja comunicar algo e também mostra sua intenção em fazê-lo. Da parte do ouvinte, à guisa de comparação, pode-se dizer que tem um comportamento inferencial, processando a informação intencionada pelo falante.

À luz dessas considerações, torna-se importante destacar que o conceito de semelhança interpretativa proposto por Gutt não se restringe apenas ao processo de tradução, mas aplica-se a processos comunicativos em geral. O processo de atribuição de semelhança interpretativa a um enunciado, ou a uma tradução, extrapola o âmbito dos processos tradutórios, ocorrendo também em processos de comunicação em geral. Observa-se também que a existência de duas formas proposicionais, uma na língua de partida e outra na língua de chegada, é condição necessária, mas não suficiente para a realização do processo de tradução. A síntese, a análise e a busca e atribuição de semelhança interpretativa entre tais formas ocorrem dentro de um contexto em que as suposições derivadas dos “enunciados não-verbais” – as implicaturas – têm uma influência determinante nos processos mais gerais.

Em contextos de tradução, o princípio da relevância, respaldado pela noção de semelhança interpretativa, orienta tanto a configuração do contexto quanto a produção de implicaturas. Ao regular o limite das suposições por meio da otimização da relação entre o maior efeito contextual com o menor esforço processual, Gutt propõe que a tradução caracteriza-se pelo uso interpretativo interlingual. Em outras palavras, de um ponto de vista cognitivo, a essência do processo tradutório é a busca e a atribuição de semelhança interpretativa entre duas unidades de tradução derivadas

de dois sistemas lingüísticos distintos.

Na busca por semelhança interpretativa, o tradutor deve levar em consideração tanto a informação veiculada por meio da explicatura, ou seja, as codificações conceituais e procedimentais,⁵ quanto a informação transmitida pela implicatura. Essa implicatura será sempre recuperada por meio de desdobramentos inferenciais, entendidos como uma mudança no processamento cognitivo por causa da limitação do mecanismo dedutivo em gerar inferências demonstrativas, o que, nos termos da TR, leva o receptor à produção de inferências não demonstrativas.

Outro conceito introduzido por Gutt e crucial para o tradutor em seu empenho pela busca por semelhança interpretativa entre um texto de partida (TP, a partir de agora) e um texto de chegada (TC, de agora em diante) é o de contexto artificial. Com esse termo, Gutt se refere a contextos distantes espacial, temporal e culturalmente entre um determinado TP e seus possíveis TCs. Isso se dá quando o público-alvo do TC não tem mais acesso direto ao contexto de produção do TP. Obras clássicas de séculos anteriores traduzidas para os dias de hoje podem ser um exemplo do que Gutt denomina contextos artificiais. Textos atuais de conteúdo informativo (cultural, político, religioso etc.) desconhecido pelos receptores podem também configurar casos de contextos artificiais. Outro caso muito marcante seriam os textos sensíveis ou sagrados, incluindo-se entre eles o texto bíblico, que requer especial cuidado do tradutor. Seu contexto de produção situa-se a uma grande distância dos leitores modernos e a não-observação desse contexto pode comprometer em muito o grau de semelhança interpretativa almejado com uma tradução. Nesse sentido, a tradução de textos bíblicos requer do tradutor um esforço processual no sentido de expandir seu ambiente cognitivo a fim de incorporar uma série de sutilezas inerentes a esse tipo de texto.

Trabalhando com contextos artificiais, o tradutor se vê levado a orientar o processamento mental do TP por meio de dois tipos distintos de trabalho: o trabalho intuitivo e o trabalho analítico. Sobre os contextos artificiais, Gutt (2000a) faz as seguintes reflexões:

Supondo-se que tenhamos, normalmente, intuições “naturais” com respeito à relevância, o que acontece em nossas mentes quando estamos lidando, não com nosso contexto existente “naturalmente”, mas com um “artificial”? Podemos de alguma maneira imergir nós mesmos naquele contexto e ainda assim

proceder intuitivamente? Ou temos que trabalhar “refletidamente” ou “analiticamente” mais do que “intuitivamente”? Há uma diferença? E se houver, qual?⁶ (p. 169)

Vimos que, segundo Gutt e a TR, o tradutor, em sua busca por semelhança interpretativa, deve persegui-la tanto no nível das explicaturas quanto no das implicaturas. Essa tarefa requer, porém, especial monitoramento por parte do tradutor quando estiver perante contextos artificiais. Gutt argumenta que, quando o tradutor está lidando com um ambiente cognitivo original que seja mutuamente manifesto⁷ ao seu, o trabalho de interpretação fica muito mais simplificado, uma vez que basta seguir sua intuição para gerar uma semelhança interpretativa também no nível das implicaturas do texto. Contudo, caso seu ambiente cognitivo não seja mais congruente com aquele mutuamente compartilhado pela audiência do TP, o tradutor terá que empreender esforços adicionais para suprir essa lacuna, ou seja, ele vai precisar, de algum modo, “reconstruir o ambiente cognitivo mutuamente manifesto entre o comunicador original e sua audiência”⁸ (GUTT, 2000a, p. 168).

Essa busca por semelhança interpretativa em contextos distantes daqueles compartilhados pelo tradutor e sua audiência é um ponto crucial na tradução. Tomando consciência desse fato, o tradutor pode antecipar possíveis problemas advindos da falta de conhecimento contextual por parte de sua audiência e, assim, procurar evitar futuros distúrbios no processamento inferencial das informações veiculadas por seu texto.

Assim, é necessário ter em mente a estreita relação entre semelhança interpretativa e contexto artificial. Este, como instância mental, só existe se emergir do conceito de semelhança interpretativa. O tradutor, de posse de ferramentas apropriadas, deverá se propor a uma interpretação do contexto de produção do TP, verificar a acessibilidade daquela interpretação para a audiência do TP juntamente com os efeitos contextuais produzidos e, em seguida, via semelhança interpretativa, criar condições, por meio das explicaturas e implicaturas do TC, para que sua audiência chegue a uma interpretação semelhante e igualmente acessível àquela *imaginada* para o TP.⁹

Em vista dessas observações, podemos, então, proceder a uma análise de dois trabalhos envolvendo tradutores novatos e experientes e verificar como lidaram, respectivamente, com essa relação entre semelhança

interpretativa e contexto artificial.

■ Análise e discussão

Propomo-nos inicialmente a analisar os resultados de dois trabalhos que utilizam o CORT em suas pesquisas. Em “Contextos artificiais e tradutores novatos”, a seguir, Alves & Gonçalves (2003) analisam o desempenho de tradutores novatos frente a uma situação tradutória que pode ser inserida no conceito de contextos artificiais. Todos os tradutores do experimento receberam a mesma unidade textual para tradução, no mesmo tempo delimitado para o trabalho, e dividiram o mesmo espaço físico; com base nisso, os autores refletem sobre o processo tradutório, tomando como base a transcrição obtida com o programa Translog¹⁰ e se apóiam, outrossim, nos comentários dos próprios tradutores ao término do trabalho, via protocolos verbais retrospectivos.

Já em “Contextos artificiais e tradutores experientes”, analisam-se fragmentos da tradução feita por um tradutor experiente, retirados da pesquisa de Carvalho Neto (2004). Também aqui o tradutor se viu confrontado com um contexto artificial, aquele do texto sagrado por ele traduzido. Porém, diferentemente dos tradutores novatos, trata-se, nesse caso, de um tradutor com grande bagagem tradutória, consolidada em anos de publicações. As reflexões acerca do processo tradutório desse tradutor têm por base suas anotações paratextuais.

Apesar das diferenças metodológicas entre os dois trabalhos – dados processuais no primeiro caso contrastados com dados paratextuais no segundo caso –, pretendemos desenvolver aqui uma reflexão produtiva à luz da TR sem que haja necessidade de uma correlação quantitativa entre os dados desses dois tipos de tradutores, mas apontando a necessidade de um estudo aprofundado para que as questões apresentadas sejam ou não corroboradas. Neste artigo, nossas análises pautam-se sobretudo por uma investigação do caráter intersubjetivo dos dados coletados e de sua viabilidade para o desenvolvimento de um estudo de maior porte. No presente momento, nossa intenção, com base nos resultados desses dois trabalhos, é abrir uma discussão sobre a indagação de Gutt feita anteriormente acerca de como age o tradutor que lida com contextos artificiais: se segue sua intuição natural ou se age mais analítica e/ou refletidamente.

■ Contextos artificiais e tradutores novatos

A partir das indagações propostas por Gutt, Alves & Gonçalves (2003) desenvolveram um trabalho com tradutores novatos, com vistas a verificar a questão levantada por Gutt acerca dos contextos artificiais. Os autores, fazendo uso de uma ferramenta de investigação processual, o Translog, selecionaram quatro tradutores brasileiros de igual perfil, ou seja, nível semelhante de proficiência em ambas as línguas do experimento (inglês e português), algum treinamento formal em prática de tradução e nenhuma experiência profissional. Para o trabalho com o par lingüístico inglês-português, foi selecionado um texto contendo 63 palavras, extraído da revista americana *Newsweek* e intitulado “The Wear and Tear of Terror”, publicado na edição de 27 de novembro de 2001. A tarefa foi dada igualmente a todos os quatro tradutores, ou seja, a tradução do referido artigo para o português em sua variante brasileira, num tempo limite de 15 minutos, na mesma sala e ao mesmo tempo.

O texto se torna interessante por tratar da figura de Osama bin Laden, envolvido em atentados a embaixadas americanas na África e nos acontecimentos de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Alves & Gonçalves entenderam tratar-se de um contexto artificial, uma vez que o texto faz menção a uma figura do Oriente Médio e a atentados passados em outros lugares e em outros ambientes culturais diferentes daqueles dos supostos leitores dos TCs e ainda não consolidados nos respectivos ambientes cognitivos dos tradutores. Como forma de suprir informações sobre esse contexto considerado artificial, três fotografias de Osama bin Laden, que faziam parte da reportagem publicada pela revista *Newsweek*, foram utilizadas como suporte contextual.

Analisando uma mesma determinada unidade tradutória em cada um dos TCs, os autores chegaram à conclusão de que o baixo grau de semelhança interpretativa alcançado nos textos dos quatro tradutores ocorreu muito mais em razão da falta de informações contextuais (implicaturas) do que por dificuldades com codificações conceituais e procedimentais no nível lingüístico (explicaturas).

Para ilustrar a conclusão a que chegaram os autores do experimento, temos aqui uma passagem que fala do ataque às embaixadas americanas na África, com as respectivas representações geradas pelo programa Translog e pela transcrição das verbalizações dos

sujeitos-tradutores:

By 1998, the year of the U.S. Embassy bombings in Africa, he had acquired the lean, wolfish look of a revolutionary.

Temos, no sujeito S1, a seguinte tradução:

[S1] Em 1998, o ano do bombardeio na embaixada americana na África, ele se tornou um revolucionário mais magro e mais exótico.

?Em?1998?o????o?ano????????da????o?bomba????o? bombardeio?na?embaixada?americana?na??Á?frica,?¹¹

Verbalização: Uma unidade de tradução para mim foi “*by 1998, the year of the U.S Embassy bombing in Africa*”. Foi muito fácil.

Pela representação do Translog e da transcrição da verbalização feita em seguida por S1, vemos que ele, como os outros sujeitos também, reconheceu em “*by 1998, the year of the U.S Embassy bombings in Africa*” uma unidade de tradução. Além disso, não encontrou nenhuma dificuldade em sua tradução, desconsiderando informações contextuais inferíveis a partir da explicatura do TP. Contudo, o texto de S1 revela que o tradutor não percebeu a codificação procedimental em *bombings*, a marca de plural, nem atentou para o fato de que *U.S. Embassy* tem uma função adjetiva na frase, podendo se referir tanto a uma quanto a várias embaixadas que sofreram atentados a bomba (*bombings*). A tradução do trecho feita por S1, quando cotejada com sua verbalização de que “foi muito fácil”, parece fornecer indícios de um tipo de comportamento pouco reflexivo, pautado sobretudo pelas pressuposições do informante. Passemos para o sujeito S4 do experimento:

[S4] Em 1998, quando as embaixadas dos Estados Unidos na África foram bombardeadas, adquiriu o gosto, a face selvagem de um revolucionário.

na?Africa?foram?atacadas????????dombardeadas????????b?,?(S4)

Verbalização: Eu sei que duas embaixadas foram bombardeadas na África, mas não me lembro exatamente onde.

É importante notar, aqui, que, embora na tradução esteja presente parte da informação codificada procedimentalmente, ou seja, “embaixadas” no plural, vemos pela transcrição da verbalização acima que o sujeito não observou necessariamente essa marca de codificação no TP. Sua tradução teve por base o



conhecimento prévio do informante, que reconhece sua limitação quando afirma “não me lembro exatamente onde”. Revela, dessa forma, falta de habilidade reflexiva para lidar com problemas de tradução.

A outra unidade de tradução reconhecida pelos sujeitos refere-se a “the lean, wolfish look of a revolutionary”. Aqui se vê, pela representação gerada por meio do Translog, pausas maiores em razão da necessidade de consultas a dicionários e a outros meios para procurar informações complementares veiculadas pelas marcas de codificação conceitual no TP, ou seja, segundo a TR, aquelas instâncias de uso lingüístico sujeitas a interpretações múltiplas e subjetivas. Tomemos como ilustração ainda a representação da tradução de S4 gerada por meio do Translog:

[?:01.12.23]adquiriu????????o?gosto????????a????o?
gosto????????a?face????????savage????
?de?um?revolucionário????????????????
????????????????selvagem?????.

Após 6 minutos e 22 segundos, o tradutor retrocedeu no texto já traduzido e passou a trabalhar recursivamente a mesma unidade de tradução:

[?:01.10.82]????????????????????
????????O?desgaste????????????s?
????s????????ado:[?]L[?]????[?]d[?]pelo??
????????????????????????????????
????E????????????????????
????????????alidez?????

Verbalização: Eu não achei este texto difícil no modo como ele nos foi apresentado, e olhando para as três fotos de Bin Laden me ajudou muito. Como sou médico, a transformação de Bin Laden é evidente para mim.

A atribuição de uma semelhança interpretativa corroborada inferencialmente pela autoridade médica do tradutor novato e, de fato, informada por três fotografias dissociadas de qualquer informe médico revela um comportamento pouco reflexivo por parte do sujeito tradutor. Mais uma vez, embora S4 pareça processar a informação codificada conceitualmente, a verbalização transcrita mostra claramente um comportamento pouco reflexivo, apenas com base nas suposições contextuais do sujeito e em suas experiências como médico. Alves & Gonçalves afirmam que o comentário de S4, apresentando-se como médico e dizendo que, por isso, as transformações de Bin Laden lhe eram evidentes, “são evidência clara sobre o quanto suposições contextuais

ajudam ou impedem o trabalho de tradutores novatos”¹² (p. 19).

Assim, vimos que, a partir dos dados obtidos por intermédio das representações do programa Translog e dos protocolos verbais retrospectivos, foi observado que os tradutores agiram muito mais intuitivamente do que refletidamente. Ao dizermos que agiram intuitivamente, sugerimos, com base nos dados processuais, que esses tradutores se basearam em suas suposições contextuais para fazer determinadas escolhas tradutórias que exigiriam talvez um maior esforço reflexivo por parte deles. A falta de familiarização de seu ambiente cognitivo com aquele de produção do TP resultou, dessa forma, em efeitos contextuais mais fracos.

Terminando seu artigo, Alves & Gonçalves resumem os resultados de sua pesquisa e fazem uma indagação:

Retomando Gutt (2000b, p. 169), poderemos dizer que houve uma boa quantidade de trabalho intuitivo entre nossos quatro tradutores, principalmente quando tinham que lidar com informação contextual que ainda não estava consolidada em seus ambientes cognitivos, i.e., informação disponível mais em contextos “artificiais”. (...) Certamente seria interessante investigar como tradutores profissionais lidariam com a mesma situação. Iriam trabalhar, talvez, mais “refletidamente” ou mais “analiticamente”, como sugerido por Gutt?¹³ (p. 21-22)

Observa-se que, sobretudo no nível pragmático, o contexto e a cultura de chegada são os fatores fundamentais que direcionam as decisões tradutórias dos tradutores novatos. As verbalizações das traduções mostram um padrão de ausência de suposições contextuais fortes guiando os processos de tomada de decisão entre os tradutores novatos. Em outras palavras, a ausência de um contexto mental correlato à situação de Osama bin Laden no ambiente cognitivo dos tradutores faz que eles trabalhem intuitivamente. À luz da análise aqui apresentada, parece-nos ser possível argumentar que a semelhança interpretativa almejada pelos sujeitos em Alves & Gonçalves ficou comprometida pelo caráter intuitivo com que tentaram reconstruir informações contextuais não disponíveis em seus ambientes cognitivos.



■ Contextos artificiais e tradutores experientes

Concluindo outra pesquisa em que contrasta produtos de traduções de um mesmo TP por tradutores novatos e experientes, Alves (2005a) chega a uma conclusão que pode ser o início de uma resposta à indagação feita por Gutt. Alves comenta que tradutores novatos procuram se esforçar na recuperação de cadeias lexicais, ao passo que tradutores experientes, por sua vez, lidam com muito mais facilidade com problemas de cunho lingüístico e tendem a concentrar seus esforços em questões de caráter macrotextual. Essa questão parece estar corroborada por outra pesquisa levada a cabo por Alves (2005b), em que considera como um componente da competência de tradutores experientes níveis mais elevados de meta-reflexão, ou seja, a capacidade de tradutores expertos de proferir julgamento crítico sobre seus próprios processos reflexivos. Alves comenta que “níveis mais altos de meta-reflexão apontam para uma maior competência em tradução e, portanto, uma maior capacidade de gerenciamento operativo do processo de tradução” (p. 111).

Com sua dissertação de mestrado sobre a tradução de um texto sagrado, o livro bíblico do Eclesiastes, feita por Haroldo de Campos para o português e Martin Buber para o alemão, e analisada à luz da TR, Carvalho Neto (2004) mostra outro tipo de prática tradutória que, baseando-se nos mesmos pressupostos teóricos, se refere à competência de tradutores experientes comparando, portanto, sujeitos com perfil distinto daqueles utilizados na pesquisa de Alves & Gonçalves. Se, por um lado, Alves & Gonçalves (2003) chegaram à conclusão de que os tradutores novatos agem muito mais intuitiva do que analiticamente ao lidarem com contextos artificiais, mais tarde Alves (2005b) chama a atenção para os níveis mais altos de meta-reflexão no trabalho de tradutores mais experientes.

Por ter trabalhado com a tradução feita por tradutores experientes, Carvalho Neto (2004) chega a resultados que parecem responder, a princípio, à questão levantada por Alves & Gonçalves (2003). Os comentários de Haroldo de Campos que acompanham sua tradução do referido livro bíblico são fonte rica de pesquisa; revelam grandes preocupações e embates teóricos, envolvendo termos e questionamentos como resultados de um trabalho com contextos artificiais. Desnecessário dizer que toda tradução envolve algum tipo de contexto artificial, haja vista as diferenças salientes

entre textos-fonte e textos-alvo. Contudo, buscamos analisar neste artigo, à luz da proposta de Gutt (2000a), contextos artificiais definidos como geográfica, cultural e temporalmente distantes em termos de condições de produção das traduções que analisamos. As traduções de Haroldo de Campos e Martin Buber parecem se enquadrar perfeitamente nessa definição. Os altos níveis de meta-reflexão de Haroldo de Campos também denotam um comportamento congruente com a afirmação de Alves já citada.

Para que a questão levantada por Gutt e Alves & Gonçalves possa ser investigada, serão apresentados, aqui, alguns comentários de Haroldo de Campos sobre suas escolhas tradutórias. Por questões de espaço, esses comentários ficarão limitados a quatro versos, escolhidos dentre os 22 analisados na dissertação. A partir dessa seleção, pretende-se dar uma amostra significativa do trabalho do tradutor para nossas reflexões.

Para efeitos de contextualização, torna-se importante falar brevemente sobre o livro do *Qohélet* ou Eclesiastes. Esse livro foi composto por volta do século III a.e.c.,¹⁴ muito provavelmente na Palestina. Está redigido em língua hebraica, porém com muitos aramaismos, fato que denota um estágio avançado na evolução da língua hebraica. Sua autoria é controvertida. O próprio livro a atribui ao rei Salomão; contudo, estudos revelam que o hebraico de *Qohélet* é incompatível com o da época em que viveu Salomão, o século IX a.e.c. *Qohélet* é um livro sapiencial; seu autor reflete sobre a transitoriedade da vida, usa de provérbios para passar seus ensinamentos e se utiliza, não poucas vezes, de figuras de linguagem para expressar seu pensamento. A poesia está presente nessa obra e constitui uma dificuldade à parte para tradutores.

No primeiro verso analisado na dissertação (verso 1,2), lê-se no texto hebraico: *havel havâlîm ‘âmar qohélet havel havâlîm hakol hâvél*. Em sua tradução, Haroldo de Campos (1991) (HC, de agora em diante) diz: “Névoa de nadas disse O-que-Sabe névoa de nadas tudo névoa-nada”. Nosso foco de análise recairá na expressão hebraica *havel havâlîm*, traduzida por HC como “névoa de nadas”. Nos dicionários hebraicos consultados (KIRST *et al.* e Larousse), encontram-se as seguintes acepções para o hebraico *havel*: sopro, fôlego, nulidade, ídolos, vapor, vapor úmido. HC comenta que os tradutores modernos acentuam muito mais o caráter concreto do que o abstrato do termo por estarem sumamente interessados em restituir tão-somente

a força poética do original hebraico. HC explica o termo hebraico que “significa ‘vapor’, concretamente (como em ‘vapor d’água’), ‘sopro’, algo evanescente, insubstancial” (p. 36). HC apresenta em suas notas várias opções tradutórias e as comenta, refutando-as. A respeito de sua tradução esclarece:

Preferi manter o jogo aliterante em minha solução, que combina a acepção primeira de “vapor” (névoa) com outra, também material, de “insignificância”, “ninharia” (nada, nada), lembrando, sonora e semanticamente, o “nonada” que Guimarães Rosa encontrou à sua disposição no léxico da língua. (p. 37)

Percebe-se, claramente, uma preocupação por parte de HC em recuperar uma representação vista por ele no TP. Com a expressão “névoa de nada”, tenciona criar no ambiente cognitivo de sua audiência condições para que ela possa ter acesso a informações contextuais muito distantes das de seu tempo. Vê-se que HC não age baseado em suas suposições contextuais: pesquisa em outras traduções, comenta sua opção à luz do significado que encontrou para o vocábulo hebraico.

Com a tradução do verso 2,5, HC reflete igualmente sobre como criar condições para que sua audiência tenha acesso a informações contextuais típicas da época do TP. No texto hebraico, lê-se: *‘âsîti lî gannôt úfardesîm*. Na tradução de HC, temos: “Fiz para mim jardins e paraísos”. Concentremos nossa análise na palavra hebraica *pardesîm* (no texto, com consoante inicial *f* em razão da mudança fônica ocasionada pela vogal *u*), que tem os seguintes sentidos dicionarizados: pomar, parque, jardim. HC começa sua nota remetendo à origem persa do vocábulo (*pâiri-daêza*), cujo sentido era o de um recinto fechado. Comenta: “Passou ao grego como *parádeisos* e assim figura na versão dos LXX [a Septuaginta grega]. Mantive a palavra em português, uma vez que o próprio contexto encarrega-se de atualizar-lhe o sentido original” (p. 117, itálico como no original). HC diz que, em português, podemos dizer, numa linguagem familiar, que “isto é um paraíso”, quando fazemos referência a um “retiro aprazível” (id.). Reporta-se ao dicionário *Caldas Aulete* para elucidar o significado de “paraíso”: “vasto parque dos antigos persas”. Mais uma vez, tem-se acesso, via notas explicativas paratextuais, à meta-reflexão de HC, revelando uma atitude analítica, refletida, frente a um texto cuja produção se situa a uma grande distância tanto espacial quanto temporal e cultural do ambiente cognitivo da audiência

do TC.

Outro verso de particular interesse para nossas investigações a respeito de contextos artificiais é o final do verso 2,8, em que, no hebraico, tem-se uma palavra que aparece uma única vez na Bíblia hebraica e cujo significado é de difícil perscrutação. Em hebraico lê-se: *shiddâh wshiddôt*. Nos dicionários consultados, o significado de *shiddâh* vem expresso como “dama”, “concubina (?)”, “cortesã”. O ponto de interrogação acompanha a acepção dicionarizada no dicionário de Kirst *et al.* *Shiddôt* é seu plural, acompanhado da conjunção aditiva *w*. HC traduziu o final do verso por: “Uma princesa princesas”. Na nota explicativa que acompanha sua tradução, HC começa por esclarecer os vários sentidos atribuídos a *shiddâh*: “O DO [Dicionário Oxford] assinala a origem dúbia da palavra, lembrando, por um lado, o aramaico *shedá*, no sentido de ‘despejar’ (*pour out*) líquido; por outro, o assírio *shadâdu*, ‘amar’, e a tradução *Haremsperlen* (‘pérolas do harém’) conjecturada a partir desta última fonte” (p. 117-118, itálicos como no original).

Indo mais além em sua pesquisa, HC cita Buzy, lembrando uma derivação pelo hebraico *shed* (“demônio”) e pelo árabe *sayyid/sayyidat* (“senhor”, “senhora”), o que levaria a traduções como “dama”, “senhora”, “amante”, “mulher”. HC comenta ainda vários outros sentidos encontrados: “taças e jarros de que se compõe uma copa para o serviço do vinho” (Vulgata latina); “musical instruments” (King James Version); “toda a abundância dos cofres” (Kethubim) (cf. p.118). E acrescenta: “Para além da reserva decorosa, ou do eufemismo, parece óbvio que o matiz erótico é o mais pertinente ao contexto, pois de bens e tesouros já se falara nas linhas precedentes” (id.). Além disso, HC faz menção, outrossim, a uma outra hipótese: a de que *shiddâh* teria derivado, por sinédoque, de *shad* (“seio”, como atributo feminino). Lembra que a lenda atribuía ao rei Salomão um harém de mil mulheres: setecentas rainhas e trezentas concubinas. Termina dizendo que sua “tradução orienta-se nesse sentido” (p. 118-119).

A nota à tradução do verso 2,8 ocupa uma página e meia do livro de HC, contendo comentários pormenorizados em torno do sentido do vocábulo em questão. A preocupação de HC em elucidar o sentido de *shiddâh* e em fundamentar sua decisão tradutória, denota uma atitude altamente reflexiva e de pesquisa aprofundada por parte do tradutor. Dentro de parâmetros intersubjetivos, trata-se de comportamento muito

diferente daquele visto no desempenho dos tradutores novatos retratados por Alves & Gonçalves (2003). No escopo deste artigo, é exatamente o interesse em entender as bases cognitivas dessa atitude reflexiva que direciona nossa investigação. Tomemos ainda o final do verso 9,10, em que no hebraico lê-se: “bishe‘ôl ‘ashér ‘attâh holech shâmmâh”. HC traduz: “no Sheol terra oca lá para onde vais”. A exemplo do que ocorreu no verso 2,8, HC ocupa quase duas páginas, dissertando sobre o significado de Sheol. Explicando o significado da palavra, começa dizendo que “em hebraico, é a região dos mortos, o mundo subterrâneo, não se confundindo com a concepção cristã do inferno” (p.196). Cita o *Dicionário Oxford*, dando como possível significado etimológico de Sheol um “lugar oco”: “Daí por que acrescentei a expressão ‘terra oca’ em função apositiva no texto da tradução, valendo-me ainda do /o/ tônico para vincular o nome hebraico à sua expansão etimológica” (id.).

Segundo Alves (2005b), esse acréscimo pode ser visto como uma explicitação, constituindo um recurso empregado como pista comunicativa, cuja função seria a de ajudar na criação de uma meta-representação mais adequada do TP. Esse recurso seria de grande relevância, principalmente nos casos dos contextos artificiais, em que existe uma grande distância entre o TP e o ambiente cognitivo do leitor da tradução. Por lidar com um contexto artificial, HC achou por bem colocar um aposto a Sheol, visando ajudar sua audiência a criar uma representação condizente com aquela, vista por ele para o TP. Buscando esclarecimentos em Bottero, HC o cita:

Na opinião dos israelitas de então, como se sabe, a morte terminava tudo: após, não restava senão a *néfesh*, decalque incerto e sombrio de tudo o que o homem tinha sido em sua vida, mas que, privado da vitalidade e da força que lhe comunicava a *ruáh*, o “Sopro” divino emprestado ao homem, não podia mais levar, no Sheol, senão uma existência descolorida, entorpecida e sobretudo negativa. (BOTTERO, *apud* CAMPOS, 1991, p. 196, itálicos como no original.)

As reflexões de HC se alongam, citando outros exegetas e tradutores, como Laurentini, Ceronetti e Martin Buber. Acrescenta que a sobrevivência no Sheol “nada tem de reconfortante, figura como um ponto negro a mais, como a privação, sem recompensa alguma, daquelas venturas que são o apanágio dos vivos” (id.).

Com esses quatro exemplos, parece ficar claro o comportamento de HC frente a termos e expressões distantes do ambiente cognitivo de sua audiência moderna. Vê-se, claramente, que o tradutor, na busca por semelhança interpretativa, tanto no nível das explicaturas quanto no nível das implicaturas, tem uma atitude muito mais analítica ou refletida do que intuitiva. Esta última não lhe serve, sob pena de levar a uma representação não congruente com aquela do TP. Como tradutor experiente que foi, HC não se contentou com uma busca ao dicionário por um termo desconhecido, visando solucionar de imediato problemas com a codificação conceitual. Compilou comentários espalhados por vários séculos de estudo e em diferentes línguas e, a partir de exegeses múltiplas, construiu sua própria e fez sua escolha tradutória. O texto que produziu pretende ter um alto grau de semelhança interpretativa com o TP hebraico.

■ Considerações finais

A partir desses resultados, é possível, talvez, afirmar que a TR pode prestar contribuições significativas aos Estudos da Tradução no que se refere à tradução em contextos artificiais. A TR postula que o efeito contextual obtido por meio do processamento inferencial das implicaturas geradas a partir dos enunciados, respaldado pelas informações contextuais disponíveis nos ambientes cognitivos dos tradutores, possibilitará o direcionamento do processo tradutório de forma tal que a conclusão desse processo ocorra com a atribuição e a avaliação da semelhança interpretativa entre duas unidades de tradução - uma na língua de partida e a outra na língua de chegada. No caso de ausência dessas informações contextuais nos ambientes cognitivos dos tradutores, o trabalho precisa ser feito de forma analítica, conforme exemplificado pela tradução que Haroldo de Campos faz do *Qohélet*. Ao contrastarmos os dados processuais dos tradutores novatos em Alves & Gonçalves (2003) com o produto e as informações paratextuais do tradutor experiente retratado em Carvalho Neto (2004), percebemos a importância do trabalho analítico minucioso e consciente como forma de expandir e construir contexto inexistente.

Voltamos, ao final deste artigo, à pergunta formulada por Gutt:

Supondo-se que tenhamos, normalmente, intuições “naturais” com respeito à relevância,

o que acontece em nossas mentes quando estamos lidando, não com nosso contexto existente “naturalmente”, mas com um “artificial”? Podemos de alguma maneira imergir nós mesmos naquele contexto e ainda assim proceder intuitivamente? Ou temos que trabalhar “refletidamente” ou “analiticamente” mais do que “intuitivamente”? Há uma diferença? E se houver, qual?¹⁵ (GUTT, 2000a, p.169)

Os dados paratextuais sobre o comportamento de tradutores experientes sugerem que, muitas vezes, o resultado de uma tradução considerada criativa pode estar embasado por um trabalho pormenorizado que requer esforço adicional de base lógica e analítica. A TR oferece um arcabouço teórico que consegue justificar cognitivamente esse tipo de comportamento. No entanto, torna-se interessante continuar a investigar a questão levantada por Gutt, por meio de um trabalho de pesquisa mais abrangente. Este trabalho de pesquisa poderia tomar um cunho mais processual, com base no aporte teórico da TR e na metodologia utilizada por Alves & Gonçalves (2003), em que o pesquisador acompanharia o trabalho de tradutores experientes, frente a um texto cujo contexto de produção se situasse a uma distância geográfica, temporal e cultural grande o suficiente para caracterizá-lo como um contexto artificial. Justifica-se, portanto, nossa escolha pelos trabalhos de Alves & Gonçalves (2003) e Carvalho Neto (2004) para embasar uma proposta teórica e metodológica com vistas ao aprofundamento dessa discussão. Dessa forma, poderíamos procurar sustentação, por meio de evidências processuais, para a afirmação feita acima, que tomou por base características paratextuais da tradução de Haroldo de Campos do livro bíblico do Eclesiastes.

■ Referências

- ALVES, Fábio. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. In: PAGANO, Adriana Silvina (Org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras - UFMG, 2001a.
- _____. Esforço cognitivo e efeito contextual em tradução: relevância no desempenho de tradutores novatos e expertos. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v.5, número especial sobre teoria da relevância, 2005a.
- _____. Relevância em contextos culturalmente marcados: a semelhança interpretativa em pauta. In: ALVES, Fábio (Org.). *Teoria da relevância & tradução: conceituações e aplicações*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras - UFMG, 2001b.
- _____. Ritmo cognitivo, meta-reflexão e experiência: parâmetros de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2005b.
- _____; GONÇALVES, José Luiz. A Relevance-Theory Approach to the Investigation of Inferential Processes in Translation. In: ALVES, Fábio (Ed.). *Triangulating Translation: Perspectives in Process-oriented Research*. Amsterdã: John Benjamins, 2003. (Benjamins Translation Library 45).
- CAMPOS, Haroldo. *Qohélet/O-que-Sabe: Eclesiastes: poema sapiencial*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- CARVALHO NETO, Geraldo Luiz de. *Haroldo de Campos e Martin Buber como tradutores do hebraico Qohélet: uma análise do produto de segmentos das traduções à luz da Teoria da Relevância*. Dissertação - Mestrado em Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, UFMG, 2004. inédito.
- GRICE, Paul. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (Eds.). *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*, New York, 1975.
- GUTT, Ernst-August. Issues of Translation Research in the Inferential Paradigm of Communication. In: OLOHAN, Maeve (Ed.) *Intercultural Faultlines. Research Models in Translation Studies I. Textual and Cognitive Aspects*. Manchester: St. Jerome, 2000a.
- _____. *Translation and Relevance: Cognition and Context*. 2. ed.. Manchester: St. Jerome, 2000b.
- HOUSE, Juliane. *A Model for Translation Quality Assessment*. Tübingen: Narr, 1981.
- JAKOBSEN, Arnt Lykke; SCHOU, Lasse. Translog Documentation. In: HANSEN, Gyde (Ed.) *Probing the process in translation: methods and results*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999.
- KIRST, Nelson et al. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. 12. ed. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2000.
- LAROUSSE. *Nouveau Dictionnaire Hébreu-Français*. Tel-Aviv/Paris, 2000.
- NEWMARK, Peter. *A Textbook of Translation*. London: Prentice Hall, 1988.
- NIDA, Eugene. *Language Structure and Translation*. Stanford: Stanford University Press, 1975.
- NORD, Christianne. *Textanalyse und Überstzenithe oretischen Grundlagen Methode und didaktische Anwendung einer Übersetzungerelevanten Textanalyse*. Heidelberg: Julius Groos Verlag, 1988.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Narr, 1984.

SHANNON, John; WEAVER, Walter. *The Mathematical Theory of Communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. *Relevance: Communication and Cognition*. Oxford: Blackwell, 1986/1995.

■ Notas

¹ Tradução de: “(...) is to understand and explicate the mental faculties that enable human beings to translate in the sense of expressing in one language what has been expressed in another. The idea is that once these faculties are understood, it is possible to understand not only the relation between input and output, but also, and perhaps more importantly, the communicative effects they have on the audience. After all, the *raison d'être* of all translation appears to be to *communicate*”.

² Gutt assim define o que entende por tradução direta: “Um enunciado na língua receptora é uma tradução direta de um enunciado na língua de partida se, e somente se, ele supõe se assemelhar interpretativamente ao original completamente no contexto imaginado para o original” (GUTT, 2000b, p. 171, tradução de: “A receptor language utterance is a direct translation of a source language utterance if and only if it purports to interpretively resemble the original completely in the context envisaged for the original”).

³ Tradução de: “An essential property of propositional forms is that they have logical properties: it is in virtue of these logical properties that they can contradict each other, imply each other and enter into other logical relationships with each other. Since all propositional forms have logical properties, two propositional forms may have logical properties in common. Accordingly, we can say that mental representations whose propositional forms share logical properties *resemble* each other in virtue of these shared logical properties. Such resemblance between propositional forms is called *interpretive resemblance*”.

⁴ Tradução de: “Considering further that the main purpose of utterances is to convey the set of assumptions which the communicator intends to convey, it seems reasonable to define interpretive resemblance between utterances in terms of assumptions shared between the intended interpretations of these utterances. Since the set of assumptions an utterance is intended to convey consists of explicatures and/or implicatures, we can say that two utterances, or even more generally, two ostensive stimuli, interpretively resemble one another to the extent that they

share their explicatures and/or implicatures”.

⁵ A codificação conceitual é uma codificação linguística que tem propriedades lógicas, atuando como *input* para o processamento inferencial de enunciados, apresentando também propriedades com condição de verdade, capazes de serem enriquecidas e expandidas. Já as codificações procedimentais não podem ser desdobradas em termos inferenciais, apenas restringindo o processo inferencial do ouvinte.

⁶ Tradução de: “Assuming that we normally have ‘natural’ intuitions with regard to relevance, what happens in our minds when we are dealing, not with our ‘naturally’ existing context, but with an ‘artificial’ one? Can we somehow immerse ourselves in that context and then still proceed intuitively? Or do we perhaps work ‘reflectively’ or ‘analytically’ rather than intuitively. Is there a difference, and if so, what is it?”.

⁷ Nos termos da TR, um ambiente cognitivo é mutuamente manifesto quando duas pessoas o compartilham.

⁸ Tradução de: “(...) to reconstruct the cognitive environment mutually shared by the original communicator and his/her audience”.

⁹ Sobre isso, Gutt postula que o que importa não é se realmente houve produção de tais efeitos contextuais pelo TP junto a sua audiência, mas sim se o tradutor pensou que tais efeitos ocorreram (cf. GUTT, 2000a, p. 168).

¹⁰ O programa Translog foi desenvolvido na Copenhagen Business School (cf. JAKOBSEN & SCHOU, 1999). A maior vantagem desse programa consiste nas múltiplas possibilidades de monitoramento das etapas do processo tradutório. Por meio dele, é possível, por exemplo, “controlar variáveis de tempo, pausas, hesitações etc., estabelecendo-se correlações entre os dados do programa e processos cognitivos, tais como memória, tempo de leitura e desenrolar de processos inferenciais” (ALVES, 2001a, p. 83).

¹¹ Os símbolos utilizados nas representações geradas pelo Translog devem ser lidos da seguinte forma:

?[tempo de pausa];

?[espaçamento];

?[eliminação];

?

? ou

?[movimentação do cursor].

¹² Tradução de: “provides a striking evidence as to what extent contextual assumptions help and hinder the work of novice translators”.

¹³ Tradução de: “Returning to Gutt (2000b, p. 169), we may say that there was a great deal of intuitive work among our four subjects, mostly when they had to deal with contextual information which was not yet consolidated in their cognitive environments, i.e.,

information available in rather ‘artificial’ contexts. (...) It would certainly be interesting to investigate how professional translators would deal with the same situation. Would they perhaps work more ‘reflectively’ or more ‘analytically’ as Gutt suggests?”

¹⁴ Antes da era comum.

¹⁵ Vide texto original na nota 5.